

BRÁS, BENTO SANTIAGO E RUBIÃO

Se Brás Cubas agarrou tudo o que pode e achava que era dele por direito; se enganou, traiu, zombou, mentiu, fruiu, e não se arrependeu, Bento Santiago só conseguiu o que os outros lhe permitiram, ingênuo e inocente, de uma pureza que não soube experimentar as mulheres fáceis. Viu-se traído, amargurado, e nem mesmo pode, com a reconstrução da casa de Matacavalos em Engenho Novo, religar o passado com o presente. E só num ponto se encontram eles: ambos se confessam, o primeiro através das Memórias Póstumas, e o segundo em Dom Casmurro.

Enquanto isso, Rubião herda, fica rico, mas deixa-se explorar, apaixonar-se, é manobrado e desprezado, perde tudo, empobrece e morre louco, coroando-se de nada e admitindo que as batatas só cabem aos vencedores.

Terá Machado de Assis, de caso pensado, procurado o contraste em três tipos diferentes, para escrever os três romances, ao cabo a suma de desilusões e de vidas falhadas? O cinismo, a candura e a loucura.

Se Bentinho, afinal, consegue ver-se e ver os outros, não se consola. Está só. Como estarão sós Brás Cubas e Rubião, este apenas acompanhado pelo seu cachorro Quincas Borba. E os três retornam: um da tumba, que lhe foi outro berço, outro reproduzindo em vão a casa de Matacavalos, e o último morrendo na sua Barbacena.

São uma trilogia, os três romances, e todos uma desilusão, apesar de alguma coisa restar do naufrágio das ilusões, não para eles, mas para o Senhor Machado de Assis. E ele mesmo afinal ficou só, com a morte de Carolina.

Pois, apesar de toda a humana lida, as flores do companheiro são pensamentos idos e vividos.

É uma cosmovisão angustiante. Uma epopeia do nada, em três cantos. O retorno de Odisseu sem Ítaca.

Antonio Carlos Augusto Gama

Promotor de Justiça, aposentado